

ENTREVISTAS

John Robert Schmitz

SEGUNDAS DO LAEL



Newsletter - Boletim do LAEL

ENTREVISTAS

John Robert Schmitz

Entrevista concedida após palestra por ele realizada nas Segundas do LAEL, sob o título: "Globalization, World Englishes and Brazil: A Language Policy for the 21st Century" 26 de maio de 2004

Newsletter: O que trouxe o senhor ao Brasil e por que o senhor ficou?

J.R.S.: Fiz a graduação em Nova York (*Brooklyn College of the City University of New York*). Sou formado em língua e literatura espanholas. Fui professor de espanhol nas escolas de 2º grau do Estado de *New Jersey*. Fiz a pós-graduação em *Teachers College, Columbia University*, no campo de metodologia de ensino de línguas (inglês e espanhol). Durante o tempo do mestrado, estudei português. Aos 23 anos, tinha a intenção de (i) ser diplomata, (ii) trabalhar numa universidade, num centro de estudos latino-americanos e, por este motivo, estudei português. Solicitei uma bolsa *Fulbright*. O meu projeto foi relacionado a *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Estudei na USP nos anos de 1961-1962. Durante o referido período, fui a Canudos (Bahia) e assisti aos trabalhos da Semana Euclidiana em São José do Rio Pardo, em São Paulo. Voltei aos Estados Unidos. Em 1963, ingressei na carreira de professor universitário. Trabalhei nas áreas de ensino de espanhol, metodologia e lingüística aplicada na *Southern Connecticut State College* (agora *University*). No mesmo ano, casei-me com Maria Lucia Borges de Oliveira, quem havia conhecido durante os meus estudos no Brasil. Ficamos sete anos em Connecticut. Em 1970, decidi morar e trabalhar no Brasil. Cheguei em junho de 70, com minha esposa e quatro filhos. Trabalhei seis meses na Faculdade de Ciências e Letras de São José do Rio Pardo e, em março de 1971, comecei a lecionar na PUC-SP, onde trabalhei até maio de 1987.

Newsletter: Quais as instituições pelas quais o senhor passou durante todos esses anos no Brasil?

J.R.S.: Além da PUC-SP, lecionei um ano em Assis e, a partir de 1988, iniciei minha carreira na Unicamp. Durante os meus trinta anos (mais de trinta!), fui convidado a dar aulas na Unimep de Piracicaba e na Universidade de Mogi das Cruzes. Ministrei cursos e dei palestras na Alumni e também na União Cultural Brasil-Estados Unidos.

Newsletter: De que forma seu pensamento evoluiu em relação às questões do ensino e aprendizagem de língua estrangeira, ou mais especificamente, de inglês, durante o seu percurso?

J.R.S.: Na escola pública de 2º grau em Nova York, em 1952, a metodologia de ensino empregada foi bem "tradicional": gramática e tradução com listas de vocabulário, orações e leituras para traduzir. Mas os professores davam exercícios de compreensão oral e muitos falavam em certos momentos em espanhol. Adorei as aulas de espanhol. Fiz quatro anos de espanhol em *Midwood High School* em Nova York.

Lembro-me das aulas de espanhol de Mrs. Rosenberg e Mr. Abraham Rogal. No quarto ano, já estávamos falando o idioma. Decidi continuar a estudar o espanhol na faculdade e, como disse, fui um "*Spanish Major*" em *Brooklyn College*. Comecei a lecionar o espanhol na escola secundária justamente no mesmo tempo em que implantaram o método Áudio-Lingual. Não foi difícil seguir o método, porque havia estudado no México e em Nova York e sempre havia oportunidades para falar o espanhol. Acompanhei, no início da década de 70, as críticas à abordagem Áudio-Lingual e o surgimento da Abordagem Comunicativa. Não foi nenhum choque porque desde o ensino secundário estava acostumado a ouvir o idioma na sala de aula e a ser encorajado a falar com os professores e os colegas de classe. A oralidade não assustava. Não sei se evolui. Quem sabe "fui evoluído". O que é importante dizer é que hoje em dia os professores de língua estrangeira têm ao seu alcance uma riqueza de material didático que não existia na década de 50 do século passado. Acredito que o ensino comunicativo, o trabalho em pares, o uso de tarefas, o ensino de conteúdos, o ensino a distância, o ensino de autonomia e, sem dúvida, o computador têm proporcionado muitas opções didáticas para os professores.

Newsletter: Quanto à palestra no dia 26 de maio, no LAEL, gostaria que o senhor comentasse o fato de que apesar do título, "*Globalization, World Englishes and Brazil: A Language Policy for the 21st Century*", o tempo todo o senhor enfatizou as diferenças entre os vários falares de "inglês" ao redor do mundo e do perigo de uma língua, por questões de predomínio econômico e político entre nações, vir a se sobrepor a outras línguas, sendo por isso motivo até para o desaparecimento de algumas delas.

J.R.S.: Enfatizei sim a existência de diferentes variedades de inglês. É importante ter uma atitude aberta e não adotar uma política preconceituosa contra os diferentes "*World Englishes*". Os lingüistas aplicados têm publicado diferentes livros sobre o inglês falado na Índia e nas Filipinas. Quem pretende estudar na Nigéria deve tomar conhecimento das variedades de inglês falado no referido país. Quem consulta a *Internet* vai se cientificar de que há dez diferentes jornais em inglês na Nigéria! A língua inglesa não é propriedade particular dos ingleses ou dos norte-americanos. Recomendo um artigo sobre o "*ownership*" do inglês por parte de diferentes falantes em diferentes partes do mundo: Christina Higgins, "*Ownership*" of English in the Outer Circle: An Alternative to the NS-NNS Dichotomy", *TESOL Quarterly*, vol. 37: 615-644, No. 4, Winter, 2003.

Mencionei também que a presença de inglês desloca outros idiomas em diferentes partes do mundo. As Filipinas e a Malásia tomaram providências para proteger as suas respectivas línguas nacionais do "poderio" do inglês, pois ninguém quer ver a sua própria cultura desaparecer. Mas não sei se cheguei a dizer que o inglês não é o único "bicho papão". O espanhol e o português têm contribuído para o desaparecimento de línguas indígenas. O francês também contribui para a perda de diferentes línguas tribais e regionais na África. David Crystal examina o desaparecimento de diferentes línguas no livro *Language Death*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

Newsletter: Juntamente com isso, o senhor fez-me o tempo todo lembrar de Sapir, ao relacionar a língua à cultura, no sentido de que a língua resguarda a cultura. O senhor poderia comentar esse tópico?

J.R.S.: A língua e a cultura têm, sem dúvida, uma relação íntima. Existe um inglês internacional que não reflete a cultura de um povo específico de língua inglesa. Acredito, todavia, que o inglês para negócios "*Business English*" reflete a cultura e a ideologia do mundo ocidental e do capitalismo, mesmo não atrelado aos EUA ou à Inglaterra. Concordo com Crystal quando ele diz que a linguagem não necessariamente determina o modo como pensamos, mas ela influencia o modo como percebemos e lembramos as coisas do mundo. Na *Cambridge Encyclopedia of Language*, Cambridge: CUP, 1997, p. 15, o referido autor questiona a viabilidade da hipótese forte de Sapir-Whorf.

Newsletter: Outra pergunta que me ocorreu durante sua palestra e que tem sido fonte de debates acirrados em listas de lingüistas refere-se a até que ponto "o melhor" professor de inglês é o nativo ou o não-nativo.

J.R.S.: Ser um professor competente de inglês não tem nada a ver com a "natividade". Acredito que a prova do sucesso do ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras é a existência de um número impressionante de falantes de inglês e de outras línguas. Quantos "não nativos" escreveram livros sobre o inglês e em inglês. Alguns exemplos são Svartik, Jespersen, Mey e Granger. O critério para contratação de um(a) professor(a)

de língua inglesa deve ser as competências lingüística, comunicativa, pragmática, sociolingüística e também didática. Estudou metodologia de ensino de língua estrangeira e tem formação em lingüística geral e aplicada? Obviamente, um nativo que acabou de “descer do avião”, que não é formado no ensino de línguas em nível superior e sem experiência na sala de aula de língua inglesa, não é qualificado para entrar numa sala de aula. É perigoso reverenciar o falante nativo porque ele não é um “deus”. Ele tem que saber ensinar e aprender a ensinar. Como professor de inglês e professor na área de estudos da linguagem, devo ficar no meu “galho”. Ninguém vai me contratar como psicólogo, advogado ou carpinteiro.

Newsletter: Nesse sentido, minha questão é: Até que ponto o senhor supõe que seja necessário ao professor não-nativo de inglês conhecer sua língua nativa (refiro-me a conhecê-la explicitamente e não a saber as regras da gramática normativa) para ensinar a língua estrangeira?

J.R.S.: Esta pergunta é complexa. Acredito que os professores de português como língua materna precisam ter contato com a lingüística geral e aplicada. Muitos ainda estão amarrados à gramática normativa. Para uma abertura, recomendo a página pessoal do professor Marcos Bagno: www.marcosbagno.com.br.

Newsletter: Se, como diz Jakobson, mapeamos o sistema lingüístico da língua estrangeira no da língua materna, ao menos num primeiro momento, então, o conhecimento do funcionamento da língua materna não ajudaria o professor a depreender as dificuldades do aluno mais facilmente e poder apontar que estratégias ele está empregando que pertencem à sua língua materna no aprendizado da língua estrangeira e que, portanto, não se adaptam a esta última?

J.R.S.: A sua pergunta me lembra os estudos sobre a Gramática Universal. Existem universais dentro da gama de diferentes línguas do mundo. Elas de fato têm diferenças, mas são todas semelhantes no sentido que todas têm substantivos, maneiras de adjetivar e comunicar ações e estados. Se eu, por exemplo, começar a estudar hebraico, sem dúvida vou ter problemas com a pronúncia e com a sintaxe. Ao tentar falar hebraico, vou ter interferência do inglês. A forma “*I have sixteen years old*” em inglês é resultado da interferência do português. A interferência é natural no início da aprendizagem e indesejável nos estágios mais adiantados, pois formas “incorretas” podem facilmente fossilizar. Depois é difícil tirar. Você se refere na sua pergunta ao uso de estratégias no ensino-aprendizagem. Existe uma grande quantia de informação sobre as estratégias nas revistas de nossa área: *TESOL Quarterly*, *Language Learning* e *ELT Journal*. Parece-me que o tema é para outra palestra.

Agradeço a oportunidade de poder responder às suas perguntas.

John Robert Schmitz